

As línguas Tupi-Guarani bolivianas e o conjunto Kawahiwa: novas hipóteses sobre as origens

The Bolivian Tupi-Guarani languages and the Kawahiwa ensemble: new hypotheses about their origins

Wolf Dietrich*

RESUMO

As línguas Tupi-Guarani bolivianas são constituídas por quatro subgrupos diferentes de línguas: o subgrupo Chiriguano-Tapiete (subconjunto I), o subgrupo Sirionoide (Siriono, Yúki, Horá, com a inclusão de dados novos para o Horá, subconjunto II), o Guaráyu (II) e o Warázu (II). Discute-se, à luz da hipótese de Rodrigues (2000) sobre as migrações dos povos Tupi-Guarani, o problema das relações genéticas entre todas essas línguas. Neste contexto, o subgrupo Sirionoide apresenta problemas ainda não resolvidos. O Kawahiwa (VI), a única língua Tupi-Guarani de Rondônia e áreas limítrofes, do “Grande Madeira”, rodeada de línguas de outras famílias Tupi, é uma língua tipologicamente vizinha às línguas Tupi-Guarani dos subconjuntos I – V, o que leva à hipótese de o Kawahib ter voltado, em migrações históricas, à terra de origem do tronco Tupi inteiro.

Palavras-chave: Fonologia. Morfossintaxe. Filiação Genética.

Articulista convidado

<http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.497>

*Universidade de Münster, dietriw@uni-muenster.de, orcid.org/0000-0002-3548-2527

Confluência. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 258-295, junho 2021

ABSTRACT

The Bolivian Tupi-Guarani languages are made up of four different language subgroups: the Chiriguano-Tapiete subgroup (subset I), the Sirionoide subgroup (Siriono, Yúki, Horá, with the inclusion of new data for Horá, subset II), the Guaráyu (II) and Warázu (II). In the light of the hypothesis of Rodrigues (2000) about the migrations of the Tupi-Guarani peoples, the problem of genetic relations between all these languages is discussed. In this context, the Sirionoide subgroup presents problems that have not yet been resolved. Kawahiwa (VI), the only Tupi-Guarani language from Rondônia and neighboring areas, of the “Grande Madeira”, surrounded by languages from other Tupi families, is a language typologically close to the Tupi-Guarani languages of subsets I - V, which leads to the hypothesis that Kawahib returned, in historical migrations, to the land of origin of the entire Tupi trunk.

Keywords: Phonology, morphosyntax, genetic affiliation

1. Introdução

1.1. As línguas Tupi-Guarani bolivianas

As línguas TG bolivianas não formam uma unidade, nem genética, nem tipológica. Formam um grupo bem definido somente com respeito à geografia e a certos traços areais. Trata-se do subgrupo Chiriguano-Tapiete, do subgrupo Sirionoide formado pelo Siriono, o Horá, língua extinta, e o Yúki, do Guaráyu e do Warázu, língua provavelmente extinta também. Quando falamos aqui de “continuidades”, estamos pensando, em primeiro lugar, na continuidade tipológica de certos traços morfossintáticos que caracterizam as línguas TG em geral, como a marcação da pessoa diferente no verbo e no nome, os pronomes pessoais, a distinção de diáteses verbais como a reflexiva, recíproca, causativa, comitativa e factitiva, a flexão relacional, certas formas de negação verbal e nominal, entre outros.

1.2. O grupo Tupi-Guarani do Grande Madeira

Rondônia, que se considera como a possível terra de origem de todo o tronco Tupi, é a região onde vivem muitas das famílias não Tupi-Guarani,

as línguas das famílias Arikém, Mondé, Ramarama, Tupari e Poruborá. Mas Rondônia é também o estado brasileiro em que vive grande parte do subgrupo VI da família TG, concretamente o extenso grupo Kawahiwa. Mais que a Rondônia nos referimos à área chamada de “Grande Madeira” por Henri Ramirez (2010), que é a área na qual vivem os grupos Kawahiwa Setentrionais (Parintintin, Tenharim, Diahói e Juma) e Kawahiwa Meridionais (Jupaú ou Uru-Eu-Wau-Wau, Amondawa, Karipuna, Apiaká, e Piripkura). Adotamos aqui a classificação de Sampaio (2001), segundo a qual há uma única língua, o Kawahiwa, com quatro grupos de dialetos, o Uru-Eu-Uau-Uau e o Amondawa, o Karipuna e o Diahói, o Tenharim e o Parintintin e, em último lugar, o Juma. De todos estes dialetos estreitamente vinculados, talvez com a exceção do Juma, que é mais distante, temos informação linguística pelo dicionário Kawahiwa de Betts (2012), que abrange todos os dialetos, e pela pequena gramática de Pease (2007), que se refere ao dialeto Parintintin. Tomamos conhecimento também da classificação etno-histórica sugerida por Aguilar (2017), mas não incluímos aqui dialetos sobre os quais não há informação linguística, nem incluímos o Kayabí porque, embora de pertencer ao subgrupo VI, é uma língua mais distante. Tampouco consideramos aqui o Apiaká porque está um pouco mais distante do grupo Kawahiwa em si mesmo.

1.3. Objetivo do estudo

O objetivo deste estudo é juntar as particularidades de todas as línguas TG bolivianas, inclusive duas que até agora nunca se incluíram em estudos comparativos, o Warázu e o Horá. Além disso, o objetivo é classificar as línguas TG bolivianas e confrontar os resultados com aqueles do estudo do Kawahiwa do Grande Madeira. Pela confrontação de dados talvez possamos compreender melhor as razões pelas quais, em alguns casos, há ou parece haver continuidades na evolução fonológica e morfossintáticas entre o Kawahiwa e as línguas TG bolivianas, paralelismos que se explicam por convivências temporárias ou até por origens comuns. Em outros casos, descontinuidades,

evoluções interrompidas pelo contato intenso com outras línguas, por reduções internas devidas a choques violentos ocorridos na história ou outros motivos que ignoramos. O objetivo, portanto, é saber ou, pelo menos, reflexionar mais sobre possíveis migrações históricas na base da confrontação de dados tipológicos ou, em outras palavras, interpretar certos dados tipológicos em perspectivas históricas e genéticas, para saber mais sobre a hipótese de uma região fecunda na criação de núcleos linguísticos e culturais como é a região do Guaporé-Mamoré (cf. Crevels & van der Voort 2007).

Primeiro, vamos apresentar uma vista de conjunto das assim chamadas línguas TG bolivianas.

2. O subgrupo Chiriguano-Tapiete

O subgrupo Chiriguano ou Guaraní do Chaco consiste em dois grandes grupos dialetais, o Ava, com os subdialetos Ava, Simba e Chané, e o Issocenho. Grupos de falantes Ava, Chané e Issocenho encontram-se não só na Bolívia, mas também na Argentina (Províncias de Salta e de Jujuy). Neste contexto, o Chané, que continua o nome de uma parcialidade Arawak boliviana, é um subdialeto particular do Ava, falado somente numa única aldeia da Província argentina de Salta, Tuyunti. Veja-se Dietrich (1986, 198) e o trabalho sociolinguístico de Maria Agustina Morando (2020). O número total de falantes do Chiriguano estima-se a mais de 60.000.

O Tapiete, que a meu modo de ver é mais um dialeto Chiriguano, embora um pouco mais distante dos outros, para outros especialistas é uma língua independente. Não vou entrar aqui nesta discussão. Sobre o Chiriguano temos fontes históricas que documentam a migração de grupos Guaraní que emigraram, nos séculos XV e XVI, dos Itatins, no atual Mato Grosso do Sul, para os contrafortes andinos no atual Departamento de Santa Cruz, na Bolívia. Diz-se que o motivo dessas migrações foi religioso, a procura da Terra Sem Mal. Apesar de certas influências devidas ao contato do Chiriguano nascente com o Quéchuá e apesar de influências talvez Arawak no dialeto Issocenho,

a maior parte dos traços que caracterizam todo o subgrupo Chiriguano-Tapiete se explica pela origem Guarani, meridional, dessa língua.

2.1. Características fonológicas do Guarani do Chaco

O acento das palavras isoladas ocorre na penúltima sílaba. Pode-se interpretar essa característica como mudança do acento oxítono que trouxeram consigo os Guarani dos Itatins sob a influência do Quéchuá. Mas também se pode ver como um traço areal, já que o acento na penúltima é um traço tipológico que caracteriza todas as línguas TG bolivianas, tanto o Guaráyu como o Warázu, o Siriono, Horá e Yúki. O PTG provavelmente tinha um acento isótono, como tem o francês e o turco, por exemplo (Aryon Rodrigues, c.p.). Se nas línguas TG bolivianas a fixação do acento na penúltima sílaba parece ser uma escolha histórica livre, no subgrupo Guarani do Chaco deve ser resultado de mudança brusca, já que teve consequências graves na estrutura da palavra que sofreu síncope e simplificações de grupos vocálicos e consonânticos frequentes como, por exemplo

- (1) guar. *a-jahe'ó* > chir *a-jájo* ‘chorei/choro’, *a-kyhyjé* > *a-kýje* ‘tive/tenho medo’, *a-purahéi* > *a-puráe* ‘cantei, dancei’, *kanguẽ* > *kãwe* ‘osso’.

A distinção entre os resultados de PTG */tʃ/ e */ts/. PTG */tʃ/ passa regularmente a /s/: PTG * *ʃi* > chir *sy* ‘mãe’, mas se conserva /tʃ/ depois de /i/: *i-chy* ‘sua mãe’. PTG */ts/ passa a /h/ ou zero: PTG *-o-tso > *ó-ho* ‘foi (a um lugar)’. No dialeto issocenho o resultado /s/, < PTG */tʃ/, passa a /h/: PTG **jaʃi* > *jáchy* > *jáhy* ‘lua’, enquanto *PTG */ts/ passa a zero: PTG *-o-tso > *ó-ho* > *ó-o* ‘foi (a um lugar)’.

A distinção entre os resultados de PTG */tʃ/ e */ts/ é única nas línguas TG bolivianas, diferenciando assim o subgrupo Chiriguano-Tapiete das outras línguas TG bolivianas, que pertencem ao subconjunto II de Rodrigues e Cabral (2002), enquanto o Chiriguano-Tapiete forma parte do subconjunto I, como o Kaiowá, Mbyá, Guarani paraguaio, Atxê, Xetá, entre outras.

A oclusiva glotal /ʔ/ foi abandonada em todas as línguas TG bolivianas com sínopes históricas, tanto no subgrupo Chiriguano-Tapiete como em Siriono, Horá e Warázu. Parece que funciona só em Guaráyu, língua que não conhece sínopes históricas, e no subdialeto Ava do Chané.

2.2. Características morfossintáticas do Guarani do Chaco

Como no Guaráyu e Warázu, mas à diferença do subgrupo Sirionoide, a flexão relacional funciona perfeitamente no Guarani do Chaco e, com algumas modificações morfológicas, também em Tapiete.

A maioria das línguas TG distingue entre a posse referencial e a posse correferencial ou reflexiva, pelo menos na 3ª pessoa. Entre as bolivianas, a correferencialidade funciona no Guaráyu, Warázu e no Yúki:

- (2) *gyu t-u* ‘o pai dele’ – *g-u* ‘seu próprio pai’, *ts-éte* ‘o corpo dele’ – *gu-éte* ‘seu próprio corpo’; *war tsé-hi* ‘minha mãe’ – *i- tsí* ‘a mãe dele’ – *ó-hi* ‘a sua própria mãe’, *yúki e-raaĩ* ‘dente dele’ – *gu-raaĩ* ‘seu próprio dente’, *e-résa* ‘olhos dele’ – *gu-résa* ‘seus próprios olhos’,

assim como em Kawahiwa:

- (3) *kaw gá-po* ‘a mão de alguém’ – *ó-po* ‘sua própria mão’.

Algumas línguas, sobretudo amazônicas como o Asurini do Tocantins, o Tapirapé, o Kayabí e o Kawahiwa, mas também o Yúki, generalizaram essa distinção a todas as pessoas. No subgrupo Chiriguano-Tapiete e no Siriono a distinção se perdeu completamente. Sobre o Horá não sabemos nada com respeito a este critério.

A distinção morfológica e sintática entre diversas diáteses verbais, como a reflexiva, recíproca, causativa, comitativa e factitiva, é um dos critérios pertinentes para caracterizar as línguas TG com morfossintaxe rica. Chiriguano e Guaráyu manifestam a riqueza de cinco diáteses, todas efetuando uma mudança da valência do verbo: a reflexiva com o prefixo *je-/*

ñe-, a recíproca com o prefixo *jo-/ño-*, a causativa com o prefixo *mbo-/mo-*, a comitativa com o prefixo *ro-* e a factitiva com o sufixo *-uka*. O Warázu conhece o transitivizador *mo-*, *mu-*, *m-* e a voz reflexiva em *de-* e a recíproca em *do-*. A voz causativa-sociativa em *[e]ro-* *[e]nu-* fossilizou-se em alguns verbos (*núhe* 'extrair', *ru* 'trazer', *róho* 'levar'), perdendo-se a voz factitiva em *-uka*. No Tapiete observamos quatro diáteses, já que a reflexiva e a recíproca coincidiram em uma só, com o prefixo *ji-*, *ñi-*. No Siriono e Yúki funcionam muitas destas diáteses, mas com algumas alterações e reduções. A reflexiva e a recíproca existem em Yúki enquanto o Siriono as fusionou em uma só em *di-*. O Siriono distingue entre a causativa em *mu-/mbu-* e a factitiva em *-uka*, mas o Yúki generalizou o morfema *-bua-* para as duas funções. A comitativa em *ru-* existe em Siriono, mas não no Yúki.

Um critério adicional que serve para distinguir o subgrupo Chiriguano-Tapiete das outras línguas TG bolivianas e do Kawahiwa é o funcionamento do sufixo do participio passivo em *-py*, PTG **-pyr*. Esse sufixo funciona com verbos transitivos na maioria das línguas TG, entre as bolivianas no Guaráyu (*-pyr*), Siriono (*-i/ -hi-/ -ki*) e Yúki (*-hi*):

- (4) *gyu saysú-pyr* 'o amado, querido', *jabyký-pyr* 'o que é tocado (por alguém)'; si *e-re-ru-hi* 'o que foi trazido', *e-r-ea-hi* 'o que/quem foi visto', *e-ðasu-ki* 'quem foi banhado'; *yuki iré-hi* 'o (que é) lavado', *jibõ-hi* 'o (que foi) caçado'.

Mais uma vez não sabemos nada sobre seu funcionamento no Horá. Parece que se abandonou em Warázu. Mas sabemos que a categoria de participio passivo foi abandonada no subgrupo Chiriguano-Tapiete, já que hoje não existe, embora tenha sido mencionada na primeira gramática do Chiriguano de finais do séc. XVIII (cf. Santiago 2005).

As formas da negação permitem estabelecer um conjunto areal boliviano formado pelos subgrupos Chiriguano-Tapiete e Sirionoide, com a exclusão do Guaráyu e do Waráyu. A maioria das línguas TG faz a distinção entre a negação predicativa, expressa pelo morfema descontínuo *nd(a) ... i*, e a

negação nominal pelo sufixo *-e'ym*, *-e'ỹ*, *-ỹ ou -ã*. Essa distinção não funciona nos subgrupos Chiriguano-Tapiete e Sirionoide, os quais generalizaram o sufixo *-ã*, com variantes, para todas as funções. No Guarani do Chaco, a distinção, isto é a negação predicativa com *nd(a)* ... *i* existe ainda no dialeto Simba, e para o resto dos dialetos é documentada ainda na gramática do Chiriguano de 1791. Por outro lado, León de Santiago, o autor da gramática, menciona já a existência da negação predicativa moderna dizendo que se trata de um regionalismo da cordilheira, não usado fora dela (Santiago 2005, 404).

A negação predicativa enfática *mbáety* é outra negação característica do Guarani do Chaco e do Tapiete. Explica-se, provavelmente, a partir de outro elemento típico deste subgrupo, que é o uso de *mbáe* ‘coisa’ como pronome indefinido no sentido positivo de ‘alguma coisa’ e no negativo de ‘nada’¹: *chir mbáety mbáe a-écha* ‘não nada vi’, ‘não vi nada’. O elemento pronominal *mbáe* em combinação com o verbo citado por Montoya, em seu dicionário Guarani de 1640, *hetyp* ‘não assentir, não querer’ poderia estar na base da negação *mbáety*. Esta corresponde ao sufixo negativo *-biti/-bete* do Yúki:

- (5) *yu o-kie-ke-biti*
 3ª p-dormir-PAS-NEG
 ‘ele/ela não dormiu’

Parece que há uma distinção pragmática entre as duas formas de negação: aquela que se forma com o sufixo *-ã* ou variantes nega sobretudo o conteúdo lexical do predicado, aquela com *mbáety* ou *-biti* nega, em primeiro lugar, o enunciado inteiro.

Para expressar uma ordem negativa existe o sufixo proibitivo PTG **-eme*, sufixo que funcionava em tupinambá e no Guarani de Montoya (1640)

1 Trata-se aqui de um fenômeno que tem paralelo na evolução das línguas românicas, quando o pronome *nihil* ‘nada’ foi substituído pela paráfrase enfática do latim vulgar *nullam rem natam* ‘nem uma coisa existente’. Dessa paráfrase resultou, por simplificação, o italiano *nulla*, o francês *rien* e o espanhol e português *nada*, todas expressões que significam ‘nada’. Nelas o francês *rien* corresponde exatamente com o *mbáe* do Chiriguano.

e continua funcionando em línguas TG tão distantes uma da outra como o Mbyá, o Kamayurá e o Wayãpi, mas também em Guaráyu, Warázu e Yúki. Mais uma vez não temos informação sobre o Horá, fato que demonstra mais uma vez laços areais entre o Guaráyu, Warázu e Yúki. Perdeu-se no Guarani do Chaco, e parece que não existe tampouco em Tapiete.

3. O subgrupo Sirionoide (Siriôno-Yúki-Horá)

3.1. O modelo das línguas românicas

As línguas desse subgrupo divergem muito com respeito à configuração das línguas TG tradicionais, isto é tipologicamente “completas”, como o Guaráyu ou as línguas do grupo Guarani (Kaiowá, Mbyá). Observam-se, no subgrupo constituído pelo Siriono, o Yúki e o Horá, não só mudanças fonológicas profundas, mas também reestruturações morfossintáticas consideráveis. É por isso que se tem presumido mais de uma vez que, na evolução histórica do Siriono, não há continuidade a partir do PTG, mas que se trata de falantes de uma outra língua, não TG, que foram “tupi-guaranizados” ou, em outra perspectiva, que adotaram uma língua TG histórica de seus vizinhos de então.

Nesse contexto, deve-se compreender que tal acontecimento não é um “acidente” histórico, mas é um caso de transmissão linguística que se repete quase regularmente. A história dos estudos indo-europeus – história agora de dois séculos de tradição – nos ensina que, basicamente, temos que distinguir entre as línguas e os indivíduos ou povos que as falam. No caso de muitas das línguas indo-europeias não há continuidade com respeito à gente que falava a suposta proto-língua indo-europeia, mas provavelmente essa língua reconstruída já não era uma língua única, sem variação. Assim, o proto-indo-europeu com proto-famílias como o proto-eslavo, o proto-indo-irânico, o proto-italico, o proto-grego são conceitos de linguistas, línguas virtuais que são códigos reconstruíveis, mas não necessariamente línguas históricas existentes.

A lição que nos dá a história das línguas românicas é ilustrativa nesse sentido: Nenhuma das línguas românicas pode ser considerada a continuação direta do latim. Na perspectiva indo-europeia, o latim é uma das línguas itálicas da Antiguidade. Ainda no Império Romano, o latim foi adotado pelos habitantes das diversas partes do Império, por Lusitanos, Galegos (Gallaeci) e Celtíberos na Península Ibérica, por Celtas no que é hoje a França e o Norte da Itália, por Dácios na Península Balcânica. O caso da Itália é sumamente complexo porque o latim, que era a língua de praticamente uma única cidade, foi adotado pelas nações itálicas, Oscos, Umbros, e pelos Etruscos de origem desconhecida até hoje. Todos esses habitantes transformaram as diversas formas de latim que tinham ouvido na sua região. O latim originário desapareceu. Na realidade, as línguas muitas vezes não têm transmissão direta, mas transmitem-se não só de geração em geração, mas também de povo em povo, de uma comunidade social em outra.

As mudanças que caracterizavam já o Latim Vulgar, isto é o latim falado perante o latim clássico do código elaborado e literário, afectaram a fonologia, especialmente a perda da oposição de quantidade vocálica e consonântica e, com isso, a reestruturação das sílabas; afectaram a morfologia, a sintaxe e também o léxico. Nesse último se fez uma escolha diafásica, segundo o nível alto ou baixo da fala, e se desenvolveu, em larga escala, a formação de palavras, por processos de derivação e composição. Em geral, o sistema nominal foi mais afectado pelas reestruturações, do que o sistema verbal. Nos nomes se abandonou o sistema de flexão casual introduzindo-se um sistema analítico de diferenciação de caso por preposição. No verbo se conservaram e até se completaram os sistemas de tempo, aspecto e modo.

Línguas como o romeno da Romênia e também o português brasileiro são muito diferentes do latim que conhecemos. Não teria muito sentido dizermos que se trata de línguas que mostram uma transmissão não normal, interrompida pelo contato intenso com falantes de outra língua, sendo este o

caso normal na evolução das línguas românicas. Os traços de substrato galego se mantêm no português até hoje, como, por exemplo, a perda de /n/ e /l/ intervocálicas do latim: latim *luna* > *lua*, latim *corona* > *coroa*; latim *colore* > *cor*, latim *salute* > *saúde*, latim *salire* > *sair*, latim *anellu* > *elo*, *anel* sendo um latinismo culto. Contatos posteriores pelas conquistas de povos germânicos (Suebos e Visigodos) transformaram de novo o latim regional do Noroeste da Península Ibérica. O português primitivo sofreu outro contato violento quando chegaram os Árabes no século VIII.

Na América do Sul, exemplos da troca de línguas, em outras palavras, da adoção de uma outra língua, são não só os Baré, Warekena e Baniwa, que abandonaram suas línguas Arawak para adotar o Nheengatu, uma língua nascida da dispersão do Tupinambá na época colonial, mas também os Tariana, cuja maioria abandonou a sua língua da família Tukano para adotar o Arawak dos vizinhos e que, na atualidade, já estão passando ao Português, pelo menos a maioria deles, que vive no Brasil.

Aplicando o ensino dessas experiências históricas ao caso do subgrupo Sirionoide, Siriono, Yúki e Horá, eu diria que as transformações que observamos nessas três línguas, embora sejam grandes, não são fundamentais como no caso do Kokama (veja Cabral 1995) ou do Atxê (veja Dietrich 2015). No Siriono, Yúki e também no Horá – na medida em que temos documentação suficiente para darmos conta da morfossintaxe Horá – a morfossintaxe verbal corresponde muito à das línguas TG tradicionais representadas, em nosso caso, pelo Guaráyu. Por outro lado, a morfossintaxe tanto do Kokama como do Atxê não corresponde em quase nada à das línguas TG tradicionais. Contudo, é muito provável que as línguas Siriono, Yúki e Horá tenham se formado a partir da adoção do Tupi-Guarani do subconjunto II por povos que falavam uma língua ou línguas não TG antes do contato intenso com os falantes de TG do subconjunto II. O substrato não TG seria então responsável pela mudança fonológica que provocou a perda da oclusiva /p/ de que vamos falar mais abaixo, assim que a reestruturação sintática do Siriono e do Yúki..

3.1. O Siriono e o Yúki

Os Siriono, cujo número, segundo as fontes existentes, varia entre 500 e 1200 pessoas, vivem no departamento boliviano do Bêni. O número de falantes vai diminuindo drasticamente: Gasparini (2018) conta entre as mil pessoas que encontrou em duas aldeias somente 30 falantes fluentes. O Yúki é falado por aproximadamente 200 pessoas no Território Indígena do Pueblo Yuki chamado de Bia Rekuaté, situado nos vales tropicais do departamento de Cochabamba, nas margens do rio Chimoré, perto de Puerto Villaroel.

Em Dietrich (2002, 360-362) aponte a natureza fundamentalmente Tupi-Guarani do léxico Siriono, evidentemente com particularidades que lhe são próprias, como os conceitos ‘orelha’ e ‘ouvido’ em *isa* ‘orelha, ouvido’, que corresponde a chir *apýsa*, *gyu apýsa* ‘ouvido’. Em todo caso, o Siriono abandonou o tipo lexical *nambí*, *námbi* ‘orelha’ conhecido em muitas línguas TG.

Como vamos ver também abaixo, o critério fonológico que mais caracteriza o subgrupo Sirionoide, o Siriono, o Yúki e também o Horá, é a perda da oclusiva /p/ em posição inicial e intervocálica:

- (6) si *uã*, *yu uã* ‘unha’, *gyu pöãpe*, chir. *poãpe* < PTG **p^wã-pê* ‘unha de mão’; si *e-ía* ‘fígado, alma, ânimo’ < PTG **pi’a* ‘coração, ânimo’, *yu hja* ‘fígado’, *gyu pi’a*; si, *yu -he* < PTG **-pe* LOC, DAT, *gyu*, chir *-pe*.

Quando falarmos do Horá, veremos mais exemplos. Chama a atenção a perda parcial de /p/ em Munduruku. Nesta língua, **/p/ do Proto-Tupi se emudece "diante de vogais anteriores (inclusive *i* < ***i*)" (Rodrigues 2007, 173), exemplos também em (6):

- (7) *mu i* ‘pé’, si *e-i*, *gyu pi* < PTG *pi* ‘pé’; *mu ifik* ‘pegar, segurar’, si *a-isi*, *yu hísisi* < PTG **pitsik*, ao passo que PT ***potsij* ‘pesado’ > *mu poši* ‘pesado’, mas si *e-usi*, *yu éhusi*, hr *usi*.

Será que esses traços comuns resultam de um período de prehistória comum do Proto-Munduruku e do Proto-Siriono-Yúki-Horá, ou trata-se de perdas posteriores em uma ou outra das línguas respectivas ?

O acento da palavra isolada ocorre na penúltima sílaba, como em todas as línguas TG bolivianas, embora com reservas no que se refere ao Horá. É provável, porém, que o acento oxítono marcado em muitas palavras pelos antropólogos Hanke e Béghin na metade do séc. XX se deve a um preconceito corrente ainda no séc. XX, segundo o qual uma língua Guaraní deve se comportar como o Guaraní melhor conhecido, o Guaraní paraguaio, isto é ter o acento na sílaba final das palavras. Essa foi minha experiência também com a documentação do Chiriguano feita por antropólogos naquela altura.

Observamos, além disso, a fusão de */tʃ/ e */ts/ em /s/ em Siriono, Yúki e Horá e, em Yúki, a fusão das vogais /i/ e /i:/ em /i/. No Siriono o resultado é /i/ e /i:/, muitas vezes contrariamente aos resultados em outras línguas TG, sem que se possa reconhecer um motivo ou uma regra. Schermair, em seus estudos publicados entre 1950 e 1960, não percebeu a existência de [i] no Siriono. Estudos ulteriores, como os de Firestone e Priest, e os recentemente feitos por Gasparini (2018, 65-66) mostraram esse equívoco.

Na morfossintaxe, o não-funcionamento da flexão relacional é um dos critérios mais importantes para estabelecer o subgrupo Sirionoide. Nestas línguas, as formas dadas como exemplos em (8) são fixas, não há alternância nas consoantes iniciais:

- (8) PTG **-akuβ* ‘quente, calor’ > si *e-raku*, yu *jakju*, hr *daku*, war *hako*,
gyu *-aku*; PTG **-afĩ* ‘dor, dói’ > si *e-rasi*, yu *erasi*, hr *dasi*, gyu *-asi*.

No Yúki a perda da flexão relacional não é completa, pelo contrário, a conservação é maior do que no Siriono. Funciona, porém, só em certos casos isolados, como por exemplo

- (9) *s-o* ‘carne’, *de r-o* ‘carne de você, tua carne’, *e r-o* ‘sua carne’; *ch-enkjõdõ* ‘minha língua’, *h-enkjõdõ* ‘sua língua’.

A morfossintaxe do Siriono e Yúki não é tão diferente das línguas TG tradicionais como antes se pensava, também em Dietrich 1990. As diversas diáteses verbais e as formas da negação do Siriono e do Yúki, já foram mencionadas na seção do Guarani do Chaco (2.1. acima). Conservou-se, por exemplo, a morfologia tradicional das línguas TG para a expressão da hierarquia de pessoa, isto é, a expressão da relação entre o sujeito de uma 1ª p e um complemento de objeto pronominal de 2ª p, PTG **oro-*, *opo-*. Enquanto em Chiriguano e Guaráyu, o sujeito de 1ª p se exprime geralmente pelos pronomes *che* ou *ore*, esses faltam com frequência em Siriono e Yúki. Em Siriono, o plural de objeto é marcado pelo sufixo de plural, *-ha*, enquanto em Yúki se emprega o prefixo *ha-*, o qual, à diferença do sufixo Siriono, se explica como a continuação Yúki do PTG **opo-*:

- (10) *si are-rea*, *yu are-icha* ‘eu vi/nós vimos você’; *si are-rea-ha*, *yu ha-icha* ‘eu vi/nós vimos vocês’.

3.2. O Horá

Sobre o Horá não se sabia nada mais que o nome até muito pouco tempo atrás. O Horá é uma língua extinta, somente lembrada por alguns ex-falantes e descendentes deles. Os estudos recentes feitos por Danielsen e Gasparini (2015) reuniram os testemunhos linguísticos, quase exclusivamente referentes ao léxico, de antropólogos do séc. XX, e recuperaram as lembranças dos últimos falantes, que vivem em contato com falantes de Baure (Arawak) no sueste do departamento boliviano de Bêni, no limite com aquele de Santa Cruz.

3.2.1. Características do Horá

Já o léxico evidencia que o Horá é, sem nenhuma dúvida, uma língua TG:

- (11) *hr džesi* ‘lua’ < PTG **jafĩ*, *hr tata* ‘fogo’ < PTG **tata*, *hr maná* ‘morrer’ < PTG **manõ*, *hr daku* ‘quente’ < PTG **i-akub*, *hr kusa* ‘mulher’ < PTG **kujã*.

3.3.2. Características fonológicas do Horá

No que diz respeito à fusão de */ɣ/ e */ts/, provavelmente o resultado é o mesmo como em Siriono e Yúki, isto é /s/: PTG **ro'ifan* 'frio' > hr *disá*; PTG **jafí* > *džesi* 'lua'. Devido à escassa documentação não há certeza sobre o resultado de PTG */ts/, mas os poucos exemplos falam em favor de /s/ também: hr *t-a-sa* OPT-1-ir < PTG **t-a-tso*; *kisa* 'rede' < PTG **kitsab*.

Parece que a oclusiva glotal /ʔ/ se perdeu no Horá como em todas as línguas TG bolivianas, com a exceção do Guaráyu, a língua mais conservadora entre todas estas.

O critério que mais caracteriza o subgrupo Sirionoide é a perda da oclusiva bilabial /p/ em posição inicial e intervocálica:

- (12) PTG **pira* 'peixe' > hr *jíra*, si *sira*, *hira*, yu *jíra*; PTG **puku* 'comprido' > hr *eku*, si *e-oko*, *hoko*, yu –; PTG **potsij* 'pesado' > hr *usi*, si *e-úsi*, yu *éjusi*.

Igual ao Warázu, o Horá perdeu toda a nasalidade vocálica:

- (13) hr *kusa* 'mulher' – si *kũña*, yu *kjujã*, gyu *kũñã*; hr *acha* 'cabeça' – si *eãki*, yu *-ãnkja*, gyu *ãkä*; PTG **ja'ẽ* 'vasilha, panela' > hr *senia*, si *niõ*, yu *j-ého*, *e-rého*, gyu *ñäë*; PTG **mitũ* 'mutum' > hr *mita*, si *mbitõ*, gyu *mýtũ*; PTG **jati'ũ* 'mosquito' > hr *niša*, si *ñisiõ*, yu *jichõ*, war *désu*, gyu *ñachi'ü*.

Fusão das vogais /i/ e /i/ em /i/, como no Warázu: PTG **jafí* > hr *džesi* 'lua'.

A evolução de PTG */j/ mostra traços similares no subgrupo Sirionoide, com a exceção do Yúki, e o Warázu. Se observa a desfricativização das fricativas /j/ [j] e [ɲ] e mudança para a oclusiva alveolar [d], [dʒ] ou a nasal [n]. Para o Warázu, Ramirez/de França (2017) anotam a fricativa interdental sonora <ð>, que nós adotamos aqui:

- (14) PTG **juka* ‘matar’ > hr *dufa*, si *ikja*, yu *jukja*, war *duka*, gyu *juka*;
 PTG **jukir* ‘sal’ > hr *dikitra*, war *duki*, gyu *júkyr*; PTG **jafi* ‘lua’ >
 hr *dzesi*, si *ñasi*, *nzasi*, yu *jasi*, war *đahi*, gyu *jasy*;

vimos em (13) o exemplo de **ja’ẽ* ‘panela’ e de *jati’ũ* ‘mosquito’; em posição interna /j/ passa a /s/, PTG **kujã* > hr *kusa*, como em tembé onde o resultado é *kuzə*, vejam-se os exemplos em (11).

3.3.3. Flexão relacional fossilizada

Outro traço areal que reúne o grupo Sirionoide com o Warázu, línguas que abandonaram a flexão relacional, é a conservação de lexemas que mostram restos dela, por exemplo, uma consoante inicial fossilizada da flexão relacional. No Horá, geralmente não se trata de reflexos das consoantes iniciais *r-*, *h-* ou *t-*, mas de um /d/ que pode se reconstruir como /i/- ou /j/- de 3ª pessoa precisamente de uma classe nominal diferente da flexão relacional, indício do não funcionamento da flexão relacional no Horá e Warázu. Trata-se de um indício de uma tupi-guaranização de povos alheios à família Tupi-Guarani ou de uma redução linguística devida a contatos violentos? Vimos o exemplo de *daku* ‘quente’ em (11).

4. O Guaráyu

O Guaráyu, descrito pelo missionário austríaco Alfredo Höller nos anos vinte do século passado em uma gramática e um dicionário, foi pouco estudado por linguistas. Existem, porém, observações linguísticas modernas: a linguista Swintha Danielsen viveu por alguns anos entre os Guarayu de Urubichá, colecionando dados da língua atual..

Há três dialetos, caracterizados por divergências no acento, na pronúncia e no léxico: o dialeto de Ascensión (com San Pablo e Yotaú), aquele de Urubichá e Salvatierra e o de Yaguarú e Cururú. Os Guaráyu

contam com uns 12.000 a 13.000 indivíduos, com uns 40% de falantes fluentes da língua. A maioria deles vive no Depto. de Santa Cruz, Bolívia. Se o antropólogo Métraux (1942, 95) tem razão, os Guaráyú chegaram aos locais onde vivem hoje, à região Mamoré-Guaporé, em princípios do séc. XVI, na mesma onda migratória que trouxe os Chiriguano. A origem comum teria sido a região dos Itatins, no nordeste do Paraguai, o sul do atual estado de Mato Grosso do Sul. Em favor dessa hipótese são os traços tradicionais comuns às duas línguas; contra, os traços que separam as duas línguas, sobretudo o fato de pertencerem ao dois subconjuntos diferentes: o Chiriguano pertence ao subconjunto I de Rodrigues & Cabral (2002) por apresentar a distinção entre os resultados de */tʃ/ e */ts/, pela perda das consoantes finais e pela mudança */pʲ/ em /tʃ/ e de */pʷ/ em /kʷ/. O Guaráyú é membro do subconjunto II pela fusão de */tʃ/ e */ts/ em /ts/, a conservação de */pʲ/ e a mudança de */pʷ/ em /kʷ/.

Por outro lado, as duas línguas acham-se, de certa maneira, entre os subconjuntos estabelecidos porque o Chiriguano mudou o acento, como as línguas do subconjunto II, e o Guaráyú conservou uma parte das consoantes finais, traço que, parcialmente, reuniria o Guaráyú com o subconjunto III. Vamos discutir mais abaixo as consequências histórico-genéticas que é preciso tirar desses fatos. As diferenças entre as duas línguas não se podem explicar a partir de uma origem comum. As diferenças só se podem explicar se supusermos que duas línguas vizinhas, mas distintas, tenham se deslocado de uma mesma região. As diferenças não se podem explicar com base na hipótese de uma língua que se teria diferenciado só depois da chegada à Bolívia. Vamos propor aqui a hipótese de o Guaráyú ser provavelmente o vínculo entre o subconjunto I, com o Guarani antigo que também tinha certas consoantes finais, e o subconjunto III, cujo representante mais importante foi o Tupinambá. Sua terra de origem teria sido, conseqüentemente, um pouco ao leste dos Itatins, numa região que se encontrava ao leste do rio Paraná.

4.1. Características fonológicas do Guaráyú

Fusão de */tʃ/ e */ts/ em /ts/. O fato de o Guaráyú preservar uma africada, em lugar da simplificação em fricativas como /s/ ou /h/ que ocorre na maioria das línguas TG, é um dos muitos indícios do caráter tradicional dessa língua. Na fala feminina o /ts/ hoje se realiza [s] em muitos casos, e também na grafia oficial moderne se escreve <s>.

O traço que corrobora a impressão do caráter tradicional do Guaráyú é a preservação de pelo menos uma consoante final, -[r]. Línguas TG como o Tupinambá, o Kamayurá, o Kayabí e o Kawahiwa apresentam vários tipos de consoantes finais, oclusivas, nasais e semiconsoantes. A preservação mínima do Guaráyú se limita a -r, resultado também de *-n e *-k finais no PTG. Exemplos são

- (15) PTG *jukir > gyu júkyr ‘sal’, chir júky; PTG *aman ‘chuva’ > kaw, kb, te aman, gyu amar; PTG *apiter > gyu apíter ‘cimo, cima’, si itere ‘centro’, chir apýte; PTG *-epik ‘preço, valor’ > te t-epyk ‘vingança, gyu t-epyr, s-epyr, chir h-epy ‘tem preço, é caro’; PTG *kiβir ‘irmão (da mulher)’ > gyu kíwir, chir kývy; PTG *memir ‘filho/filha (da mulher)’ > te memyr, gyu mémbir, chir mémby; PTG *potyr ‘flor’, gyu pótir, chir póty; PTG *mo’ir ‘contas’ > gyu mbó’ir, pó’ir, chir póy; PTG *-ajir > gyu -ájir ‘filha (do homem)’, te -azyr, kb -ajyt, chir -á jy.

Muitas vezes, as consoantes finais se emudecem nas palavras isoladas, mas se manifestam nas composições, como *ãkã* ‘cabeça’, mas *ãkãng- átsy* ‘dor de cabeça’, *che mẽ* ou *měr* ‘meu marido’, mas sempre em construções como *che mēr-e’y* ‘na ausência de meu marido/ como não tenho marido’.

Sobre a palatalização de /t/ diante da palatal /i/ vamos falar quando tratarmos desse fenômeno com respeito ao Warázu (abaixo 5.1.).

No inventário fonológico do Guarayu figura a oclusão glotal /ʔ/, como também no Warázu e, segundo as observações de campo de Henri Ramirez, no Siriono (Ramirez/de França 2017, § 2.1.). Esta observação não se encontra em Gasparini (2018).

4.1. Características morfossintáticas do Guaráyu

Na sua morfossintaxe, o Guaráyu preserva todas as categorias tradicionais: o bom funcionamento da flexão relacional separa o Guaráyu do subgrupo Sirionoide, reforçando, por outro lado, o laço – histórico ou areal – com o subgrupo Chiriguano- Tapiete.

Sobre distinção entre posse referencial e posse correferencial ou reflexiva, já falamos acima com referência ao Guaráyu e o Yúki. Vejam-se os exemplos em (2).

Já se mencionaram as diferentes formas de diáteses ou mudanças de valência, dizendo que no Guaráyu funcionam como no Chiriguano.

A mesma coisa pode se dizer sobre o sufixo *-pyr* do particípio passivo. Já dissemos que funciona em Guaráyu, Yúki e Siriono.

Com referência às formas da negação, já registramos que o Guaráyu é mais conservador do que todas as outras línguas TG bolivianas delas se distinguindo a esse respeito. Isso significa que o Guaráyu, por exemplo, não adotou ainda as inovações regionais do subgrupo Sirionoide que adotaram o Chiriguano e o Tapiete em tempos modernos. A base da negação predicativa do subgrupo Sirionoide e do subgrupo Chiriguano-Tapiete moderno, PTG **-e'ym > -ã*, não a adotou o Guaráyu. Essa língua preserva plenamente a negação tradicional do tipo

- (16) *nd-a-tsepia-i* ‘eu não vi’, *nde-re-tsepia-i* ‘você não viu’, *nda-ja-tsepia-i* ‘nós não vimos’, *nda che ma'endu'a-i* ‘não me lembro’.

O sufixo proibitivo *-eme* já se mencionou na seção sobre o Chiriguano-Tapiete, onde não funciona; mas sim funciona em Guaráyu: (21) *e-mbo'e-eme* ‘não ensines!’ (Hoeller 1932a, 96; e hoje também, Danielsen c.p.).

Na seção sobre o Siriono e Yúki, 3.2.1. acima, já se mencionou a morfologia da hierarquia de pessoa: os resultados dos prefixos PTG **oro-*, *opo-* funcionam também no Guaráyu (formas de Hoeller 1932a):

- (17) *che oro-kua'a* 'eu te conheço/ conheço você', *che opo-kua'a* 'eu conheço vocês', *ore oro-kua'a* 'nós conhecemos você', *ore opokua'a* 'nós conhecemos vocês'. Formas modernas: *che oro-kwa* etc.

5. O Warázu

O Guarasu (tradicionalmente Pauserna), mais corretamente Warázu, é uma língua Tupi-Guarani boliviana independente de todas as outras. Os falantes, que abandonaram sua língua já duas gerações atrás, hoje falam espanhol. Vivem na margem boliviana do rio Guaporé ou Itenes. Tudo o que sabemos sobre a língua tem origem em informações de antropólogos como von Horn e Jürgen Riester, que visitaram os Guarasug-we, plural de Guarasu, nos anos sessenta do século passado. A primeira descrição linguística é a de Ramirez/de França (2017) efetuada sobre a base de um trabalho de campo recente com um casal isolado que ainda falava a língua.

5.1. Características fonológicas

Fusão de */tʃ/ e */ts/ provavelmente em */s/, desenvolvido depois para /h/, que é a realização atual, [h]:

- (18) PTG **jaf̃i* 'lua' > war *dahi*, chir/gyu *jasy*; PTG **if̃e f̃i* > war *se hi* 'minha mãe', chir *ché sy*, gyu *che sy*; PTG **kiʃe* > war *kiha* 'faca', chir *kyse*, gyu *kise*; PTG **-eʃa* > war *-eha* 'olho(s)', chir *-ésa/-éha*, gyu *-ésa*; PTG **o-tso* > war *ó-ha* 'ele/ela foi', chir *ó-ho*, gyu *ó-tso*; PTG **tseβoi* > war *hohoi* 'verme', chir/gyu *sevói*.

Este é um traço que os Guarasu-gwe ou Warazu-kwe têm em comum com o Guaráyú e o subgrupo Sirionoide, separando-o do subgrupo Chiriguano-Tapiete. Esse traço estabelece o subconjunto II de Rodrigues-Cabral (2002), enquanto o Chiriguano-Tapiete pertence ao subconjunto I.

Conservação de */pʲ/ como /p/: PTG **epjak* 'ver' > *a-h-épa* 'vejo-o', *tse-r-épa* '(ele/ela) me viu'.

Este último exemplo evidencia o funcionamento bem conhecido das línguas TG da hierarquia de pessoa no caso de 3 > 1/2. Neste caso, observamos que a construção verbal ativa é substituída por uma construção existencial nominal na qual aparece o morfema *-r-* da flexão relacional (veja Dietrich 2017): *(ele/ela) me viu* é uma tradução regular, mas a construção específica Warázu significa 'ocorreu seu ver de mim'.

Intercâmbio de */i/ e */i/

- (19) *war se hi* 'minha mãe', *se memi* 'meu filho (diz a mulher)', *ivira* 'árvore, madeira' – chir *yvyra*, *gyu iwíra*; *maapoti* 'flor' – chir *mbaepoty*, *gyu mbaepotir*. Mas *war píra* 'pez, pescado' – chir/*gyu píra*; *war píre* 'pele, couro' – chir/*gyu píre*.

Desnasalização de todas as sílabas que não sejam sílabas finais que começam com consoante nasal:

- (20) *war peti* 'tabaco' – chir *pěty*, *gyu pětÿ*; *war mókui* 'dois' – chir *mōkoi*; *kuđa* 'mulher' – chir/*gyu kũña*; *war dée* 'vasilha' – chir *ñāe*, *gyu ñāē*; mas *war ãmã* 'chuva' – chir *ãma*, *gyu amar*; *war desu* 'mosquito' – chir *ñatũ*, *gyu ñāchũ*; *war mana* 'morrer', chir/*gyu mãno*; *war póra* 'bom, bonito' – chir *pōra*, *gyu porã*; *war t-e*, *se r-e*, *h-e* 'dente, meu dente, seu dente' – chir *t-ãi*, *che r-ãi*, *h-ãi*, *gyu t-ãi*, *r-ãi*, *s-ãi*.

Transposição das fricativas /j/ [j] e [ɲ] e mudança para a fricativa interdental [δ]:

- (21) *war kuđa* 'mulher', *war đuru* 'boca', mas *war jane* 'nós (incl.)', provavelmente por dissimilação de **đane* < PTG **jane*, *war đava* 'onça', chir *jagwa*, *gyu jagwar*, *war đi* 'machado', chir/*gyu jy*, *war đuki* 'sal', chir *juky*, *gyu jukyr*.

À diferença das outras línguas TG bolivianas, o Guarasu não aceita oclusivas prenasalizadas, como [mb], [nd], [ŋg]. A um nível mais geral se observa a fusão de */ŋ/ e */n/ em /n/ (Ramirez/de França 2017, 2.2.8):

- (22) war *memi*, chir *mémby*, war *kuimaa*, gyu *kujmbá'e*, war *na*, chir,/gyu *nde* 'você', war *maniju*, chir/gyu *mandiju* 'algodão', war *kawe* 'osso', chir *kangue*, gyu *kanguer*, war *moi* 'serpente', chir/gyu *mboi*; **moŋeta* 'conversar' > war *munéta*, **mo-iŋe* 'fazer entrar' > war *mó-ine*.

Como nas outras línguas TG bolivianas o acento está deslocado da última para a penúltima sílaba.

As vogais */e/ e /o/ finais, não acentuadas passam a [a]:

- (23) war *kiha* 'faca' – chir/gyu *kise*; war *se ria* 'minha barriga' – chir/ gyu *che rye/ríe*; war *kuimaa* 'homen, varão' – chir *kuimae* gyu *kuimbá'e*; war *a-ðahea* 'eu choro/chorei' – chir *a-jáeo/ajajo*, gyu *a-yase'o*; war *a-mana* 'eu morro/morri' – chir/gyu *a-mãno*; war *ðakára* 'jacaré', chir/gyu *jakáre*.

Como todas as demais línguas TG bolivianas, com a exceção do Chiriguano, /t/ diante de /i/ se fricativiza, quer dizer, passa a /s/ [s] ([ʃ] ou [ʝ]):

- (24) war *morosi* 'branco', gyu *chĩ*, *morochĩ* – chir *tĩ*; war *avásiki* 'milho', gyu *abachi* – chir *aváti*; war *pisia/pitia* 'peito', gyu *pochi'a* – chir *pytia*; war *ðavasu* 'jabuti', gyu *jabochi*, kaw *javoti*, kam *jawatsi* (raíz inexistente em Chiriguano, Guaráyu e Siriono, veja-se chir *karúmbe*, gyu *karúmbe*, si *konõmbe*, yu *kérẽmbe* 'jabuti').

No caso de war *ðavasu* aparece um /u/ depois de /s/ que precisa ainda de explicação. O mesmo fenômeno se dá na variante *morosu* de *morosi* 'branco'.

5.1. Morfossintaxe do Warázu

Segundo a informação contida em Ramirez/de França (2017), o Warazu é uma língua que conservou a maioria das categorias tradicionais

da morfologia e sintaxe Tupi-Guaraní como a marcação da pessoa nominal e verbal, e flexão relacional (*tse-r-emiréko* 'minha esposa', *h-emiréko* 'sua esposa'), o modo permisivo em *t-*, a negação verbal descontínua em *n(ä)-...i*, o proibitivo em *-me*, o nominalizador de cláusula *-waʔe* (*h-ai-waʔe* 'que tem dentes; piranha'; *u-maʔewiki-waʔe* 'aquele que trabalha'), etc. Observe-se, porém, certo número de perdas categoriais: Entre as diáteses verbais perderam-se a voz recíproca em **-jo*, conservando-se so a reflexiva em *-*je > war ðe-*, e a causativa-sociativa em **ro-*, **no-* (veja-se acima 2.2.) e a factitiva em **-ukar*. Não há reflexo do nominalizador de agente em **-tsar*, do participio passivo em **-pyr*, nem do pronome genérico humano **-poro-*. Com isso, o Warazu se apresenta como uma língua parcialmente alterada na sua morfossintaxe. Neste sentido difere claramente do Guaráyu.

6. O Tupi-Guarani do Grande Madeira: Kawahiwa

Em 1.2. mencionaram-se os dialetos da língua Kawahiwa, segundo Sampaio (2001). Aguilar (2017) permite, mais uma vez, considerar os diferentes dialetos como uma língua única. Agora, apresentaremos informações sobre o inventário fonológico e as particularidades morfossintáticas desta língua TG. Tudo isso nos servirá para demonstrar que o Kawahiwa é uma das línguas TG mais tradicionais, com um inventário fonológico simples, conforme a maioria das línguas TG, e um sistema morfossintático rico, conforme línguas como o Mbyá, Guarani, Guaráyu, Tupinambá, Tembé, Kamayurá.

6.1. Fonologia

Os inventários de fonemas vocálicos dos dialetos Parintintin-Tenharim e Uru-eu-uau-uau-Amondava descritos por Sampaio (1997) são os mesmos como em Mbyá, Guarani paraguaio, Guaráyu e Chiriguano: as conhecidas seis vogais orais /i, i, u, e, o, a/ e suas correspondentes nasais /ĩ, ã, õ, ã/. Os sistemas consonânticos contêm as oclusivas /p, t, k, k^w, ʔ/, a africada

/tʃ/, as nasais /m, n, ɲ, ŋ, ŋw/, com as variantes prenasalizadas [mb, nd, ŋg, ŋgw], pouco conhecidas em outras línguas TG amazônicas; as variantes [j] e [dʒ] no caso do fonema /ɲ/. Os dois dialetos não apresentam /s/, só /tʃ/. As fricativas são raríssimas: /v/ e /h/ no Parintintin-Tenharim, nenhuma no Uru-eu-uau-uau-Amondava, que tem a aproximante /w/. Os dois grupos de dialetos apresentam um tepe /t/.

O acento da palavra isolada ocorre na última sílaba. Ocorre na penúltima, nos frequentes casos em que se tem a presença do sufixo átono *-a* do caso argumentativo.

Um dos critérios que constitui o subgrupo VI da classificação de Rodrigues/Cabral (2002) é a fusão de PTG */tʃ/ e */ts/ em /h/, que é o resultado do Kawahib:

- (25) PTG **tʃi* > kaw *hy* ‘mãe’, PTG **jaʃi* > kaw *jahy* ‘lua’; PTG **o-tso* > kaw *o-ho* ‘foi (a um lugar)’, PTG **pytsatsu* ‘novo’ > kaw *pyahu* ‘jovem, novo’.

Em todos os dialetos do Kawahiwa, as antigas consoantes finais só se conservam diante da *-a* do antigo caso argumentativo:

- (26) kaw *akuv-a* ‘quente’, *akym-a* ‘molhado’, *yvag-a* ‘nuvem’ [iʔβag-ə], *ypoty-r-a* ‘flor’, *kaŋ-a* ‘osso’ [‘kãŋ-ə̃], *aman-a* ‘chuva’ [ãmã-ə̃].

A oclusiva /t/ diante de /i/ se preserva em Parintintin-Tenharim (*ãti* ‘chifre’, *avati* ‘milho’), mas se palataliza no Uru-eu-uau-uau-Amondava (*aʃiə* ‘chifre’, *avaʃi* ‘milho’).

6.2. Morfossintaxe

As marcas de pessoa no verbo e no nome são as “clássicas”: *a-*, *ere-*, *o-*, *oro-*, *xa-* [tʃã], *pe-* no verbo; *ji-*, *nde-/e-*, *i-/h-*, *ore-*, *nhande-*, *pe-* no nome.

Na 3ª p o Kawahiwa distingue entre posse referencial e correferencial, como o Guaráyú, o Warázu e o Yúki. A marca da correferencialidade ou reflexividade é *o-*: Exemplos em (3) *ga-po* – *o-po* ‘sua própria mão’.

Com respeito à expressão da hierarquia de pessoa, isto é, a expressão da relação entre o sujeito de uma 1ª p e um complemento de objeto de 2ª p, PTG **oro-*, *opo-*, o Kawahiwa preserva perfeitamente a morfologia e a sintaxe do PTG.

Nos pronomes pessoais o Kawahib apresenta uma inovação na 3ª p, distinguindo uma forma feminina, *hẽa*, de uma masculina, sg. *ga*, pl. *gã*.

Observa-se morfossintaxe tradicional na distinção entre uma negação verbal, com o morfema descontínuo *n(d)a ... i* e uma nominal, com o sufixo *-e'ym*, como em muitas outras línguas TG. Não funciona em Kawahiwa o sufixo proibitivo *-eme*, que se mencionou em 2.2., na seção sobre o Chiriguano, Yúki, Guaráyu e Warázu (cf. 5.2.).

No Kawahib funcionam as diáteses, com mudança de valência, reflexiva (em *ji-/ñi-*), recíproca (em *jo-/ño*), causativa (em *mbo-/mo-*) e factitiva (em *-uka(r)*). Não se conhece a causativa-sociativa do Guarani, Mbyá, Chiriguano, Guaráyu e Siriono.

A flexão relacional está parcialmente conservada com respeito aos prefixos *t-* e *r-*:

- (27) *kaw t-apyj* ‘casa’, *ji-r-apyj* ‘minha casa’, *ij-apyj* ‘sua casa’, *gw-apyj* ‘sua própria casa’, *y embe* ‘beira, margem de água’ (palavra composta), *y r-embe* ‘beira da água’, *ji-r-eakwar* ‘meus olhos’, *t-eakwar* ‘o olho (sem posse)’.

Mas não funciona em construções atributivas (“genitivas”) nominais. O uso da forma em *h-* está limitado a poucas construções, não correspondendo ao uso em outras línguas TG.

O pronome demonstrativo *ki-*, *ki-a* chama a atenção porque é um elemento que aparece em algumas das línguas TG, com funcionamento restrito ao Tupinambá, ao Wayãpi, às línguas TG bolivianas e ao Kawahiwa (veja-se também Jensen 1998, 601, no. 69). No Kawahiwa, *ki-*, *ki-a* significa ‘aquele/aquela lá perto’, referindo-se a pessoas e a objetos; *ki-rupi* ou *kia-rupi* se usa no sentido de ‘ali, por ali’ e ‘então, por então’, exprimindo uma dêixis

vaga. Em Siriono e Yúki também é um demonstrativo: si *ki* ‘aquele perto do falante’ (Gasparini 2018, 88), *yu kjo* ‘aqui’. O siriono *ke, kje, kjee*, porém, é um indefinido local e temporal: *ke mia mō* ‘qualquer pessoa, alguém’, *kje-enda r-ea he, tjō –eru eae!* ‘onde quer que você o veja, leva-o para cá!’. Em Chiriguano *ke-, ki-* é um indefinido que se usa em negações:

(28) *mbáety kía* ‘não há quem, ninguém’, em interrogações *kéa-pa nde?* ‘quem é você?’,

(29) *keá-pe-pa* *uj-apákwa* *ō-i mbyá?*
DEM-LOC-INT 3^a p-deitar-se 3^a p-estar homem
‘onde está deitado o homem?’

e forma a base de construções com sufixos locais como

(30) *ké-rupi* ‘por alguma parte’, *ké-rupi-pa?* ‘por onde?’.

Há indícios para pensar que *ke-* está em relação com o demonstrativo *ko* ‘este, -a’.

7. Conclusão: considerações históricas

Resumindo, podemos dizer que os resultados da nossa análise, na perspectiva de possíveis relações genéticas entre as línguas estudadas aqui, permitem ver claramente certas configurações históricas e entrever outras que podem servir como base para novas hipóteses ou modificações de hipóteses anteriores, sobretudo as de Rodrigues (2000) sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupi-Guarani.

7.1. Inclusão do Horá e do Warázu

O fato de ter podido incluir dados novos sobre o Horá e o Warázu nos permite ver com mais clareza a história das duas línguas. Resulta que o Horá, embora não saibamos quase nada sobre a sua morfossintaxe, é um membro do subgrupo Sirionoide, mais estreitamente vinculado com o Yúki

do que com o Siriono. Por sua parte, o Warázu, que poucas vezes se incluiu em estudos comparativos anteriores porque a língua estava mal documentada, ocupa uma posição particular no subconjunto II, já que o resultado /h/ da fusão do PTG */ʃ/ e */ts/, em lugar do resultado /s/ do subgrupo Sirionoide e /ts/ do Guaráyu, surpreende. Provavelmente, trata-se de uma evolução recente. Também a perda da nasalidade é única no subconjunto II. Com o Horá, o Warázu compartilha a perda do caráter fricativo do fonema /j/ e a substituição pela fricativa /ð/, fenômeno que as duas línguas compartilham, em certa medida, com o Siriono, onde o fonema /j/ tem os alofones [dz] e [ts].

7.2. As migrações históricas

O trabalho de Rodrigues (2000) sobre as hipotéticas migrações dos três subconjuntos meridionais da família TG dá uma explicação tentadora e ao mesmo tempo fundamentada sobre a dispersão desses povos e dessas línguas, sempre com a reserva de que se trata de transmissão direta e não da adoção de uma língua por povos que falavam outras línguas. Segundo Rodrigues, “depois de sair da área delimitada a oeste pelo alto rio Madeira e seu formador Guaporé e a leste por um dos afluentes direitos desse mesmo rio, como o alto Aripuanã” [...] “os falantes do Proto-Mawé-Aweti-Tupi-Guarani se teriam deslocado para leste, passando para o alto Juruena.” Depois de deixar o Proto-Mawé na área onde se encontra ainda hoje, os falantes do Proto-Tupi-Guarani-Aweti, prosseguindo seu caminho o rio Amazonas abaixo, teriam tido um contato cultural importante “com um ancestral do Karib”, talvez entre o alto Juruena e o Arinos. Desse contato, resultam empréstimos do Karib de termos culturais como aqueles para ‘arco’, ‘tamanduá’, ‘pacu’, ‘milho’, ‘gato do monte’, ‘maracujá’ e ‘maracá’, palavras que o Mawé não compartilha com o Tupi-Guarani e o Aweti, mas que o Kawahiwa compartilha com essas famílias.²

2 Algumas das palavras como, por exemplo, *pako* ‘pacu’ foram emprestadas também pelo Munduruku.

Cito mais a Rodrigues (2000, 1600):

Algum tempo após esse encontro e após a migração do Aweti, os falantes do Proto-Tupi-Guarani teriam começado a dividir-se e a separar-se. Os antepassados de três dos oito subconjuntos atuais, I, II e III, ter-se-iam deslocado para o sul, subindo talvez o rio Arinos e passando deste para a bacia do Paraguai, seja pelo alto Paraguai, seja pelo Cuiabá. Nos primeiros deslocamentos nesse sentido, ainda antes de deixar a bacia amazônica, II e III teriam estado mais próximos um do outro do que ambos de I.

Não repito a argumentação com base nas evoluções fonológicas comuns entre II e III, evoluções que explicam a mudança de PTG /tʃ/ a /s/ como no Siriono, no Proto-Warázu, provavelmente, e no Tupinambá.

7.1.1. Sobre as origens do Guaráyú, do Warázu e do subgrupo Sirionoide

Mais uma vez Rodrigues (2000): “Na migração para e pela bacia do Paraguai os falantes de II e III devem, portanto, ter precedido os falantes de I e, a certa altura, devem ter-se separado por sua vez. Os de II – os ancestrais das línguas TG bolivianas – devem ter descido o rio Paraguai até talvez 20° sul e daí ter-se deslocado para noroeste e descido o rio San Miguel, afluente do Guaporé, reentrando assim na bacia fluvial amazônica; parte deles, entretanto, teria seguido pelo Paraguai um pouco mais para o sul, até a altura dos rios Apa e Aquidabã. Tanto estes, como os que foram pelo São Miguel ficaram conhecidos pelos europeus, nos séculos XVI e XVII, pelo nome de Itatins. Deles procederiam os atuais Guaráyú e Pauserna, e de sua língua seriam derivadas as do Sirionó, Horá (Jorá) e Yúki.”

Essa última hipótese particular apresenta, porém, problemas. É difícil aceitar que o subgrupo Sirionoide provenha do Warázu tendo em vista o critério da conservação de */p/ na raiz PTG **epjak* ‘ver’, que sim se preservou em Warázu (veja (5.1.) *a-hépa* ‘eu o vi’, mas parece que não se conservou

em Siriono, mas sim em Yúki, onde *ícha* não apresenta a conservação de */p^j/, mas sua mudança em /tʃ/. Ou seria um empréstimo do Chiriguano *écha*? Além disso, a hipótese de o Warázu ser a origem do subgrupo Sirionoide não é confortável porque pressuporia que tanto o resultado /h/ de PTG */tʃ/ e */ts/ seria recente e que o resultado anterior teria sido o /s/ que se prevê para o subconjunto II. A mesma argumentação valeria para o intercâmbio de */i/ e */í/ e para a desnasalização total. A reestruturação da sintaxe do subgrupo Sirionoide teria sucedido depois da sua separação do Warázu.

Talvez as afirmações de Rodrigues (2000, 1601) “Deles procederiam os atuais Guaráyu e Pauserna, e de sua língua seriam derivadas as do Sirionó, Horá (Jorá) e Yúki”, não muito claras, possam interpretar-se também no sentido de uma descendência do subgrupo Sirionoide a partir do Guaráyu. Nesse caso, a morfossintaxe ofereceria mais segurança: as três línguas do subgrupo Sirionoide teriam herdado categorias como as diáteses verbais, o sufixo do particípio passivo em *-pyr*, a morfologia da hierarquia pessoal e a distinção entre posse referencial e posse correferencial. Como já dissemos antes, defendemos a hipótese de que o subgrupo Sirionoide seria o resultado da adoção do TG do subconjunto II por falantes de outra(s) língua(s). Daí provavelmente a perda da flexão relacional. Mais tarde, o grupo teria adotado inovações areais, como certas formas de negação.

Mas também é oportuna uma reflexão sobre a natureza mesma das migrações aludidas. Só um mínimo de conhecimento histórico sobre migrações realizadas e documentadas na história mundial, por exemplo na época das migrações dos povos chamados “bárbaros” pelos habitantes do Império Romano, nos ensina que as migrações não se fazem sempre em linha reta, sem rodeios e voltas repetidas, remigrações em diversas ocasiões e, sobretudo, não se pode imaginar que não houvesse contatos, muitas vezes através de grandes distâncias. À luz dessas reflexões é possível que paralelos fonológicos do subgrupo Sirionoide e do Munduruku, como o emudecimento de /p/, se devam a contatos posteriores às grandes migrações ou a novas

migrações, tardias, realizadas entre a região do Mamoré-Guaporé e a do Amazonas. Precisa-se de mais estudos aprofundados para saber mais sobre as relações históricas entre esses povos.

Voltando à história do Guaráyu, queria ressaltar a alta qualidade da pesquisa que se evidencia na releitura da hipótese sobre as migrações Tupi-Guarani de Rodrigues (2000). A impressão de o Guaráyu se encontrar entre os subconjuntos II e III é confirmada pelas reflexões que faz Rodrigues (2000) com respeito aos contatos posteriores à separação dos subconjuntos II e III e, dentro de III, do Tupinambá e do Tupi Austral. Parece evidente que certas inovações do Tupi Austral passaram também ao Guaráyu, mas não ao Tupinambá. Uma delas é a perda parcial das consoantes finais do Tupi Austral, enquanto Tupi Austral e Guaráyu preservam a forma **-amōj* para ‘avô’ contra a inovação *-amỹj* do Tupinambá.

7.1.2. Sobre as origens do subgrupo Chiriguano-Tapiete

Quanto à origem do Guarani do Chaco ou Chiriguano, trata-se de migrações, relativamente bem documentadas, da área dos Itatins para os contrafortes dos Andes, na altura da área situada entre Cochabamba e Potosí. Os Guarani do Chaco agrediram o reino incaico, repetidas vezes, e também subjugaram os Chanés, provavelmente falantes de uma língua Arawak, aos quais fizeram adotar a própria língua. Deles procederam os atuais Issocenhos. Os chamados Chanés da Província de Salta (Argentina) conservaram esse nome, mas devem ter um história migratória bem diversa da dos Issocenhos. O Chiriguano, por vários critérios, pertence ao subconjunto I, embora tenha adotado alguns traços areais bolivianos, os quais ficam fora dos critérios da classificação de Rodrigues & Cabral (2002). Não se conhece bem a origem do Tapiete. Os próprios Tapiete não aceitam a hipótese da sua origem de fora do grupo Guarani, hipótese segundo a qual seus antepassados, falantes de uma língua do Chaco, foram tupi-guaranizados pelos Guarani do Chaco.

7.1.3. *Hipótese sobre a origem do Kawahiwa*

O Kawahiwa, por sua parte, compartilha com as línguas TG do subgrupo I muitas características, tanto fonológicas como morfossintáticas. Apresenta, no seu léxico, a maioria dos empréstimos que o Proto-Tupi-Guarani-Aweti adotou de um ancestral Karib (veja-se Rodrigues 2000). Portanto, não se pode dizer que se trate de uma língua TG que tivesse permanecido na Amazônia, antes deve ter migrado durante muito tempo, no conjunto do Proto-Tupi-Guarani, para o sul.

Na sua migração para o sul, quando se formou a família Tupi-Guarani, o Kawahib adquiriu os traços que o caracterizam, a fusão de */tʃ/ e */ts/ em */s/ e /h/ ou ø, como no Warázu, a mudança de */pw/ em /k^w/ [kw] ou [ɣw], A distinção entre consoantes nasais como /m, n, ŋ/ e oclusivas prenasalizadas como [mb, nd, ŋg] é um traço que lembra as línguas do subconjunto I, mas também o Guaráyu.

Isso indica que os membros de VI poderiam ter migrado com os ancestrais do subconjunto II, emprestando elementos como o pronome demonstrativo e indefinido *ke-/ki-*. Mais tarde, de volta para o norte, o subconjunto VI teria precedido o subconjunto II quando este último se estabeleceu na área limitada pelos rios Mamoré e Guaporé. Reentrando na bacia amazônica, o subconjunto VI teria adotado a inovação amazônica de pronomes de terceira pessoa masculina, feminina e plural.

No caminho para o norte, o subconjunto VI ter-se-ia separado do Apiaká na área situada entre os rios Teles Pires e Juruena, e o Kawahiwa teria voltado ao Grande Madeira, trazendo ao berço do tronco Tupi uma língua Tupi-Guarani impregnada de muitos traços meridionais. À luz dessa hipótese se pode dizer que há indícios para contatos históricos entre dialetos Tupi-Guarani bolivianos, do subconjunto II, com dialetos do Grande Madeira, subsumidos no termo genérico de Kawahiwa. Neste sentido a bacia do

Guaporé-Mamoré contribuiu para formar o subconjunto TG VI, confirmando-se assim a hipótese de Crevels e van der Voort (2008).³

Em geral, as relações histórico-genéticas entre as línguas aqui estudadas manifestam mais continuidades que descontinuidades. As descontinuidades aparecem, sobretudo, na história das línguas do subgrupo Sirionoide, línguas que acusam evoluções talvez interrompidas e cuja natureza ignoramos.

3 Serão necessários mais trabalhos de pesquisa para esclarecer a proto-história dos subramos V (Anambé, Araweté), VII (Wayãpi, Emerillon, Zo'ê; Guajá) e VIII (Kamaiurá). Esses, como também os membros do subramo IV (Avá-Canoeiro, Asurini do Tocantins, Parakanã, etc.), segundo a lógica dessa hipótese sobre migrações pré-históricas, devem ter migrado com os membros dos demais subramos da família Tupi-Guarani. Alguns, como os de VII, separaram-se cedo, para deslocar-se mais tarde rumo norte/nordeste. Outros, como V, desistiram de migrar com I, II e III na altura do baixo Tocantins, ao passo que IV e VIII ficaram mais tempo com os subramos I, II, III antes de se separar por sua vez. Todas estas reflexões são ainda muito provisórias, já que faltam pesquisas de todo tipo, arqueológicas e lingüísticas, que as confirmem.

Tabela 1. Formação hipotética do TG boliviano

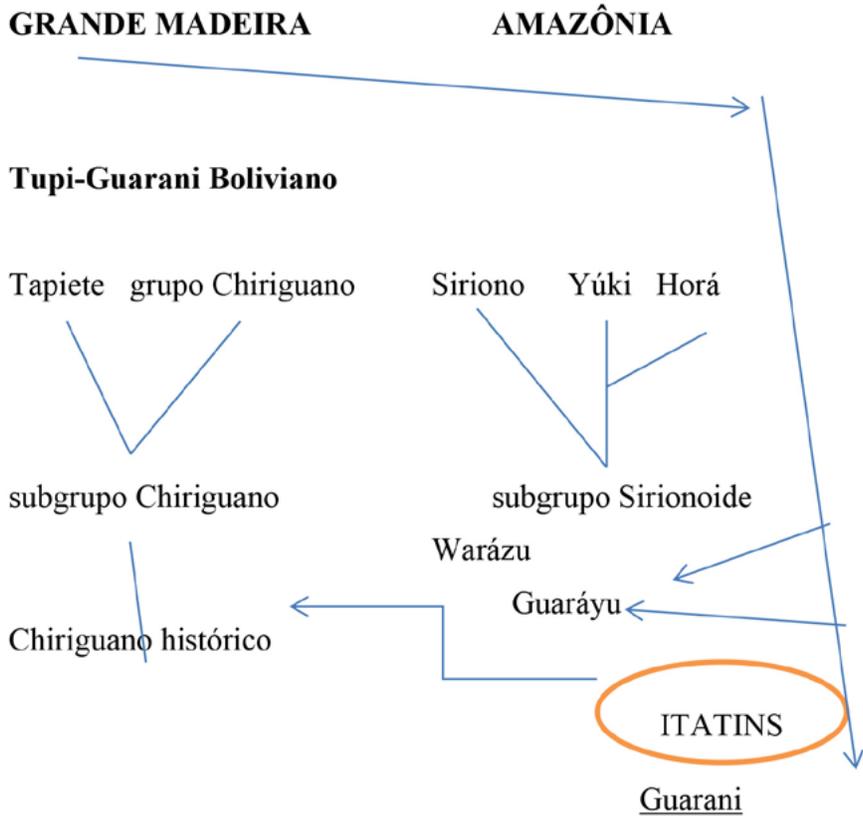
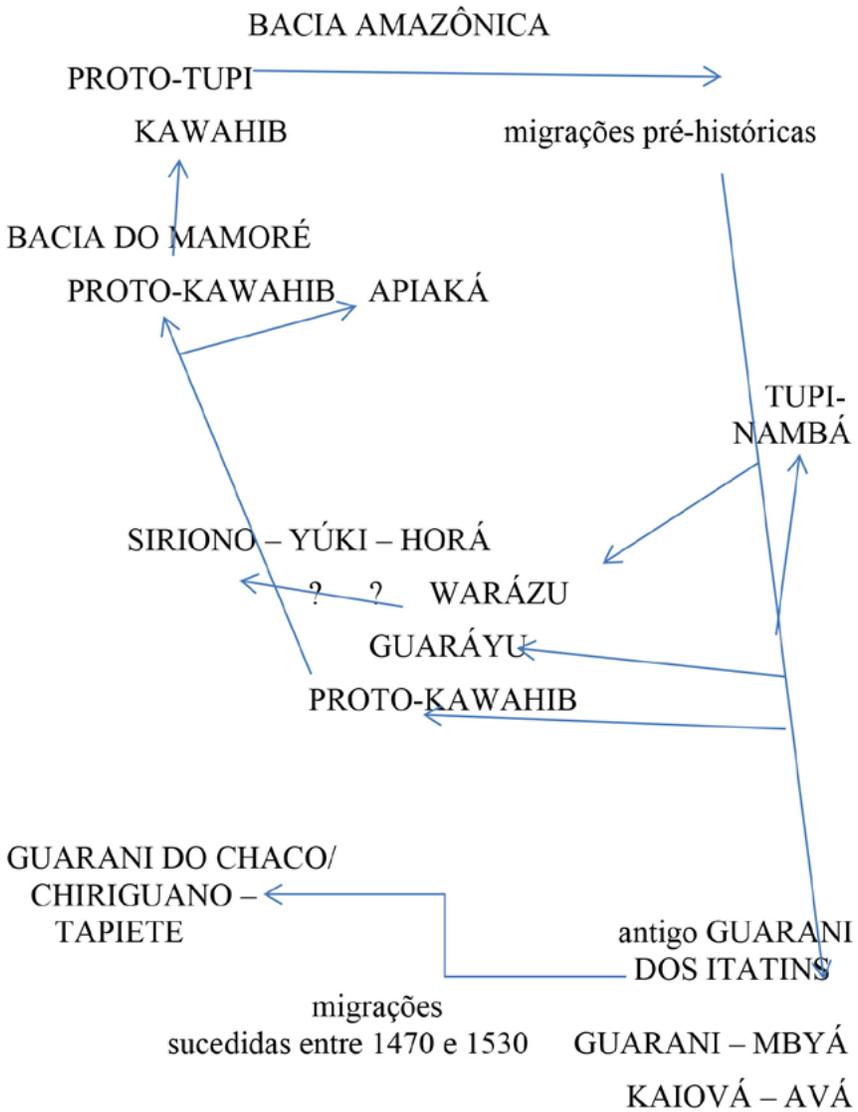


Tabela 2. Hipotéticas migrações pré-históricas



Abreviaturas

chir = Chiriguano, DEM = demonstrativo, gyu = Guaráyu, hr = Horá, INT = interrogação, kb = Kayabí, kam = Kamayurá, kaw = Kawahib, LOC = locativo, mu = Munduruku, NEG = negação, PAS = passado, PTG = Proto Tupi-Guarani, si = Siriono, te = Tembé, TG = Tupi-Guarani, war = warázu, yu = yúki.

Referências

AGUILAR, Ana Maria Gouveia Cavalcanti. “Kawahiwa como unidade linguística”, **RBLA** 9, 139-161, 2017.

Betts, LaVera D. 2012. **Kagwahiva Dictionary**. Anápolis: SIL-Brasil.

CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. **Contact-induced language change in the Western Amazon: the non-genetic origin of the Kokama language**. Pittsburgh: University of Pittsburgh. Tese de doutorado, 1995.

CREVELS, Mily & Hein van der Voort. The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. In: Muysken, Pieter. **From Linguistic Areas to Areal Linguistics**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 151-179, 2008.

DANIELSEN, Swintha & Noé Gasparini. News from the Jorá (Tupi-Guarani): sociolinguistics, description, and classification. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. 10,2, p. 441-466, 2015.

DIETRICH, Wolf. **El idioma chiriguano**. Gramática, vocabulario, textos. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericano, 1986.

DIETRICH, Wolf. A importância da gramática do Siriôno do Padre Anselmo Schermair para a lingüística comparativa Tupi-Guarani. In: Cabral, Ana Suely Arruda Câmara e Rodrigues, Aryon Dall'Igna (Orgs.). **Línguas Indígenas Brasileiras**. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL., Belém: Editora Universitária da UFPA, t, I p. 358-373, 2002.

DIETRICH, Wolf. Formas de la negación en las lenguas Tupi-Guaraníes de Bolivia. *Thule* (Perugia) 14/15, p. 233-250, 2003.

DIETRICH, Wolf. A posição do Yúki dentro do conjunto das línguas Tupi-Guarani bolivianas. In: Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara e Rodrigues, Aryon Dall'Igna (Orgs). **Línguas e culturas tupi I** Campinas: Curt Nimuendajú, Brasília: LALI, UnB, p. 205-218, 2007a.

DIETRICH, Wolf. Nuevos aspectos de la posición del conjunto Chiriguano (Guarani del Chaco Boliviano) dentro de las lenguas Tupi-Guaraníes bolivianas. In: Romero-Figueroa, Andrés, Garay, Ana Fernández, Corbera Mori, Angel (Coord.), **Lenguas indígenas de América del Sur: Estudios Descriptivo-Tipológicos y sus Contribuciones para la Lingüística Teórica**. Caracas: Universidad Católica Andres Bello, p. 9-18. 2007b.

DIETRICH, Wolf. Nuevos aspectos de la clasificación del siriono y del yuki (Tupi-Guarani), In: Messineo, Cristina, Malvestitti, Marisa e Bein, Roberto (Eds.). **Estudios en Lingüística y Antropología**. Homenaje Ana Gerzenstein. Buenos Aires: UBA, Fac. de Filosofía y Letras, p. 39-48, 2008.

DIETRICH, Wolf. Sintaxis pronominal en las lenguas mawetí-guaraní: oraciones agentivas y oraciones existenciales. **Lingüística (ALFAL)**. 33,2, p. 69-95. 2017.

FIRESTONE, Homer L. **Description and classification of Sirionó**. The Hague, London, Paris: Mouton, 1965.

GASPARINI, Noé. **Documentation, lexique et grammaire du siriono, langue tupi-guarani de Bolivie**. Ms. 2018.

GONZÁLEZ, Hebe Alicia. **A Grammar of Tapiete (Tupi-Guarani)**. Pittsburgh: University of Pittsburgh. tese de doutorado, 2005.

HOELLER, P. Fray Alfredo. **Grammatik der Guarayo-Sprache**. Guarayos/ Santa Cruz, Hall/Tirol: Verlag der Missionsprokura der P.P. Franziskaner, 1932.

HOELLER, P. Fray Alfredo. 1932. *Guarayo-Deutsches Wörterbuch*, Guarayos/Santa Cruz – Hall/Tirol: Verlag der Missionsprokura der P.P. Franziskaner.

JENSEN, Cheryl. Comparative Tupi-Guarani Morphosyntax. In: Derbyshire, Desmond C. and Geoffrey K. Pullum (Eds.), *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin, NewYork: Mouton de Gruyter, v. 4, p. 487-618, 1998.

MÉTRAUX, Alfred. The native tribes of Eastern Bolivia and Western Matto Grosso. **BAE** 134. Washington: Smithsonian Institution, 1942.

PADUA, Alexandre Jorge. **Contribuição para a fonologia da língua Apiaká (Tupi-Guarani)** Brasília: UnB, diss. de mestrado, 2007.

PEASE, Helen. **Parintintin Grammar**, Porto Velho: SIL-Brasil, 2007.

RAMIREZ, Henri. Etnônimos e topônimos no Madeira (séculos XVI-XX): um sem-número de equívocos. **RBLA**. 2,2, p. 197-224. 2010.

RAMIREZ, Henri e Victorino de França, Maria Cristina. O Warázu do Guaporé: sua primeira descrição linguística. **LIAMES Especial**, p. 7-102. 2017.

RIESTER, Jürgen. **Die Pauserna Guarašug-wä. Monographie eines Tupi-Guarani-Volkes in Ostbolivien**. St. Augustin: Anthropos-Institut, 1972.

RODRIGUES, Aryon D.. Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupi-Guarani, In: **Atas do II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico**. Florianópolis: CD-ROM, p. 1596-1605, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. As consoantes do Proto-Tupi. In: Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara e Rodrigues, Aryon Dall’Igna (Org.). **Línguas e Culturas Tupi**. Campinas: Curt Nimuendaju; Brasília: UnB, LALI, v. p. 167-203, 2007.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna e Cabral e Ana Suelly Arruda Câmara. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. Rodrigues, Aryon D. e Cabral, Ana Suelly A. C. (orgs.), **Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, Gramática e História**. Belém: Editora Universitária, t. I, p. 327-337, 2002.

SAMPAIO, Wany Bernardete de Araujo. **Estudo comparativo sincrônico entre o Parintintin (Tenharim) e o Uru-Eu-Uau-Uau (Amondava): Contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi-Kawahib**. Campinas: Unicamp, dissertação de mestrado, 1997. Disponível em: www.etnolinguistica.org/tese:sampaio_1998

SAMPAIO, Wany. **As línguas Tupi-Kawahib: um estudo sistemático filogenético**. Guajará-Mirim: UNIR, tese de doutorado, 2001.

SANTIAGO, León de. Alguna noticia de la gramática chiriguana. **Italian Journal of Linguistics**. 17,2, p. 373-414. Primeira edição do manuscrito de 1791, 2005.

SCHERMAIR, P. Fr. Anselmo. **Gramática de la lengua sirionó**, La Paz: Gráfica de A. Gamarra, 1949.